

Editorial

As novas vozes d'América Latina

.....
*Quem sabe um dia, livre, tua fronte erguerás
América Latina, eu te amo demais.
Talvez teu sofrimento seja grande demais,
Inda querem que me cale: tarde demais.*

Ivo Fachini

Vivemos na pátria grande um tempo de luta. Outra vez os oprimidos soltaram a voz. Vieram dos morros, das montanhas e dos campos para ruas e praças aos milhares.

Vieram protestar contra a o autoritarismo travestido em democracia, contra a fome enganada com pão e açúcar, contra o desemprego camuflado em empreendedorismo individual, contra exclusão da cultura popular pela educação seletiva, contra a morte antecipada pela previdência privada, contra o racismo estrutural, contra o pensamento único e colonizador...

As coletividades urbanas, os camponeses e os povos tradicionais reacenderam mais uma vez a consciência de que são sujeitos de direitos de uma vida digna e de uma sociedade mais justa com igualdade de oportunidades para todos.

Como resposta, a repressão feroz do Estado autoritário quis calar o grito por emancipação há muito tempo preso na garganta. Caiu a máscara do

Estado Democrático de Direito que deveria existir para garantir a livre manifestação pública do povo e sua segurança pessoal e social. O que se viu, foram os agentes do Estado (policiais e militares, também oprimidos) impondo dispersões violentas, prisões, mutilações e até mortes. Mesmo assim não foi possível silenciar as canções do povo e arrancar da juventude as bandeiras da utopia.

Falam em discurso de ódio e em polarização cega pela disputa partidária do poder. Tudo isso é ponta de iceberg. A verdadeira e profunda dicotomia em países da nuestra América somente se descobre na longa duração da história. Foram séculos de colonização que dizimou os nativos e suas culturas, que sequestrou os negros para escravizá-los e que continua vendo o trabalhador apenas como mão-de-obra. Vieram as independências e a autonomia política dos países, mas jamais os povos latino-americanos vivenciaram um processo de desenvolvimento socioeconômico realmente emancipador. Será o que nos resta é homenagear os libertadores da América, no futebol?

A América Latina sempre esteve sob o domínio hegemônico de uma grande potência (atualmente, um espaço de disputa), que nos vê como um território de exploração das riquezas naturais, das fontes de energia e do agronegócio que envenena as terras e queima as florestas. E hoje, quando se fala em reformas para o desenvolvimento se restringe apenas a ordem financeira: equilíbrio das contas públicas (entende-se: pagamento da dívida pública para banqueiros e industriais), índice de inflação e renda per capita. E aí vem a solução mágica neoliberal de sempre: diminuir salários, economizar retirando direitos trabalhistas, cortar recursos públicos da saúde, da educação, saneamento básico...

Então as vozes da América Latina voltam de tempos em tempos a bradar pela dignidade de vida, pela liberdade e justiça social, enfim pela emancipação humana. Foi assim nos anos 1960 e 1970, quando essas vozes forma silenciadas temporariamente pelas ditaduras militares. E é assim agora, quando o vozerio caótico das mídias, utilizado pela democracia de fachada, tenta silenciar a voz dos movimentos sociais.

Explicitou mais uma vez a polarização ideológica das sociedades latino-americanas: democracia X autoritarismo; reconhecimento do outro X dominação do outro; respeito à diversidade X imposição de verdade única; e direitos humanos para todos X privilégios para poucos.

Mas a história não tem volta. O que vemos é uma espiral crescente de aprofundamento da crise social e econômica, sinalizando o esgotamento do modelo civilizatório construído na modernidade ocidental, hoje mundialmente hegemônica, cujas bases ainda se assentam na crença do progresso infinito: produção (de supérfluo) ao infinito, consumo ao infinito e lucro ao infinito. Estamos chegando a um ponto de saturação que conhecemos como crise de paradigma e que vem ganhando novas denominações: crise socio-

ambiental, crise sistêmica, caos sistêmico...

Nesta conjuntura histórica, os países da América Latina e outros periféricos do sistema capitalista, têm sua voz de protesto amplificada. Ao mesmo tempo em que lutamos por patamares de civilização, conquistados pela modernidade, no campo dos direitos humanos de 1789 e de 1948, temos que lutar contra os desmandos da própria civilização moderna. Entretanto, aquilo que nos parece um peso enorme, alcançar conquistas sociais do passado e atender as demandas do presente, é na realidade a nossa força, pois estamos mais do que preparados para mudanças.

E mais, em tempos de mudança paradigmática, estamos todos no mesmo Titanic, pois o sistema econômico vigente tem, em seu DNA, o germe de sua própria contradição: progresso infinito num planeta finito. A crise socioambiental vai impor, a todos, mudanças profundas. Os próprios direitos humanos passam por reconstrução contra-hegemônica ao modelo eurocêntrico.

Por isso, já estamos ouvindo nas vozes da América Latina – junto com a exigência dos tradicionais direitos civis, políticos e sociais – novos “gritos de guerra”, incorporando questões como: clima, natureza, diversidade social e cultural, anticonsumismo, anticolonialismo, antipatriarcalismo; em síntese, anticapitalismo. Não se trata de nova guerra fria. Queremos democracia, mas não esta neoliberal que gesta em seu ventre o próprio autoritarismo; uma democracia que dê representatividade política aos grupos considerados minorias sociais; uma democracia que promova o pensamento crítico ativo e participativo; uma democracia que valorize os movimentos sociais nas lutas por uma sociedade justa, uma democracia que evite o consenso do pensamento único, imposto pelo universalismo do pensamento europeu nos últimos quinhentos anos; uma democracia que talvez nem se chame mais democracia, mas que garanta o respeito às diferenças e à dignidade humana de todos, num meio ambiente bem cuidado para as gerações presentes e futuras.

Vivemos tempos de mudança paradigmática, não por motivo filosófico, mas pela sobrevivência da própria humanidade. Esses tempos de travessia são tempos de incertezas e de dúvidas em que caem as muletas das verdades absolutas e universais que tanto nos confortaram durante séculos. Neste desconforto surgem os profetas do passado pregando volta a paradigmas anteriores. São ondas de conservadorismo que apenas retardam em alguns “minutos” no tempo histórico da longa duração. Já vimos esse filme: o quanto a Santa Inquisição da Contra-Reforma lutou para manter valores medievais em plena modernidade..., em vão.

Em tempos de transição paradigmática podemos não ter clareza do novo modelo de civilização que queremos, todavia temos certeza do modelo de sociedade que deve ser superado. E para nos ajudar a passar pela ponte

em construção, podemos levar na mochila alguns sentimentos (esperança, alegria e afeto) e um valor: a participação na vida coletiva, tomando o outro como referência ética.

* * *

Nossos estudos, pesquisas, ensino e ações em direitos humanos exigem um enraizamento em demandas locais e específicas; inserindo-as, porém, no contexto das grandes questões globais explicitadas no século XXI.

A presente edição da RIDH – Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos oferece rico material para este exercício. Traz um dossiê sobre os “Direitos humanos e diversidades em povos tradicionais”, em especial da Amazônia brasileira. E a seção “artigos diversos” abre uma discussão sobre “Os direitos humanos na filosofia conservadora de Roger Scruton” e segue apresentando novos olhares sobre: direitos fundamentais e direitos humanos, transexualidade, escola sem partido, educação em direitos humanos, políticas públicas para mulheres, feminicídio e sobre o Conselho dos Direitos da Pessoa Humana. Fecha a edição, o documento: Declaração de la Red Latinoamericana y Caribeña de Educación en Derechos Humanos (RedLaCEDH), aprovada em Antofagasta, no Chile, em 24 de outubro de 2019 em plena instauração da crise chilena.

Os posicionamentos, contidos nos artigos publicados, são de responsabilidade dos/as autores/as.

Dezembro de 2019.

Clodoaldo Meneguello Cardoso
Editor